

PAPAGAIO NÃO ESQUECE!

Porandubas

Biblioteca
Nadir Gouvêa Kfourl
PUC/SP

"porã' duba; pergunta, notícia"



Boletim Interno da PUC-São Paulo. Ano IV MARÇO Sala de Comunicação

27



Teologia do Povão (págs. 9 a 11)

Santo no Inferno. (págs. 5 e 8)

ZÉ RENÉ

Trombadões

Vamos direto ao assunto. Os abaixo-assinados, através deste jornal, repudiam de maneira vigorosa o trote selvagem aplicado por alguns universitários neste início de ano. Quantas mortes, como a de Carlos Alberto de Souza, calouro de Mogi, teremos ainda que lamentar? Apelando para a força física e até portando armas de fogo, os "trotadores" promovem a humilhação — quem sabe, indelével — dos calouros. A Comunidade Universitária da PUC ouve estarecida os relatos de invasão de classes, perseguições pelas ruas, troca generalizada de socos. Soubemos também de alunas forçadas a vexames sexuais nas repúblicas. Se a Justiça, a Saúde, a Economia, etc, deste País caírem nas mãos de profissionais desse tipo, estaremos perdidos. Apelamos aos veteranos que insistem nesse trote fascista que pensem enquanto é tempo: a PUC inteira repudia suas ações violentas. Por outro lado, damos os parabéns aos veteranos que em sua maioria promoveram um trote cultural, destinado a transformar a problemática adaptação à Universidade em verdadeira acolhida. Finalmente, incentivamos aos calouros a que aprendam logo os caminhos da unidade, da organização, para que desde o início não fiquem passivos perante as dificuldades, pois desafios sempre os haverá.

**APROPUC
DCE-LIVRE
AFAPUC
VICE-REITORIA COMUNITÁRIA**

79 na Puc

PORANDUBAS
19



DOM PAULO EO 477

19-abril: A capa apontou uma entrevista com D. Paulo Evaristo em que ele analisava a missão desta Universidade e pedia o fim do 477. Apresentamos matérias sobre a situação inferior da Mulher perante o Direito e as conclusões do Encontro sobre o Menor, promovido pelas entidades democráticas não-governamentais. Inicia-se uma página de humor. Tiragem: 10 mil exemplares. Capa de Renê e Rubens.

PORANDUBAS
18



Por dentro da PUC

nº 18-março: Fizemos um número de apresentação da PUC. Entrevista com a Reitoria, os grupos de representação que nela trabalham, dados históricos; eis algumas informações que passamos aos que acabavam de chegar. Tiragem: 8 mil exemplares. Capa de Renê e Rubens.

PORANDUBAS

21

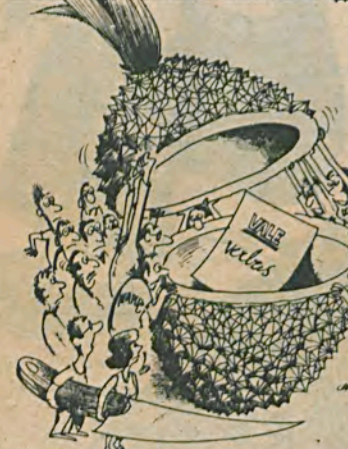


Ser negro na Puc pág. 4 e 5

21-junho: nesta edição PORANDUBAS cresceu de 8 para 12 páginas. Inicia-se a série "Universidade-Povo" sobre o Depto. Jurídico que atende a periferia. Trouxemos também as impressões dos delegados estudantes da PUC presentes ao Congresso da UNE; levantamos o debate sobre a situação dos negros na PUC. Capa de Marcel.

PORANDUBAS

20 Extra

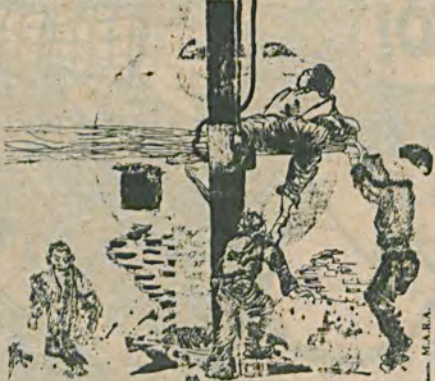


PROFESSORES PARAM.

nº 20-maio: PORANDUBAS fez uma edição extra sobre a greve dos professores (25/4 a 3/5), coordenada pela APROPUC. Apresentamos os debates nas assembleias, as reações da Reitoria, Funcionários e Alunos; posições dos "setores deficitários" (DERDIC e Sorocaba). Capa de Laerte.

PORANDUBAS

24



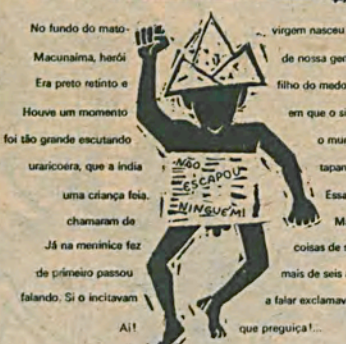
MENOR: DESAFIO À DIGNIDADE NACIONAL (Pág. 3)

PORANDUBAS na do Sertão (Pág. 11) Pirâmide Salarial (Pág. 9) Estudantes em Eleição Direta (Pág. 7)

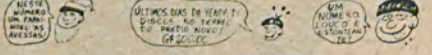
nº 24 - outubro: Fizemos, com a ajuda dos alunos de Jornalismo, cobertura da Semana do Menor Marginalizado, da Semana da PUC e das lideranças estudantis. Feita análise da Pirâmide Salarial interna da PUC, semelhante a do resto do Brasil. Apresentamos a Fac. Serviço Social e o Coral-PUC. Capa de MARA.

PORANDUBAS

26 edição de fim de ano!



PORÁ - MACUNAÍMA: O JORNAL SEM NENHUM CARÁTER!



nº 25 - novembro: Um debate "TUCA VIVO" com a presença de Miguel Arraes foi o assunto central. Abordamos o tema com os tópicos: Ginásio Vocacional (comemorando 10 anos de sua repressão) e Contra o "Pacote Portela". Apresentação do IEE (Instituto de Estudos Especiais). Abre-se o debate sobre "O Emocional do Intelectual" e outro sobre Energia Nuclear. Três páginas de "Curtas". Capa de Bettina Turner.

PORANDUBAS

25



ARRAES NA PUC

SANTO O GINÁSIO VOCACIONAL MORREU! SHOW DE FOTOGRAFOS TRÊS PÁGINAS DE CURTAS

PORANDUBAS

23



2 anos

nº 23 - setembro: Em 22/9/77 a PUC foi invadida por forças policiais. Fizemos ampla reportagem a respeito. Cobrimos também a presença de Paulo Freire e debates sobre "Universidade e Desenvolvimento Social", promovidos pela UNIPUC (Ass.ex-Alunos). A reclassificação de Cargos e Salários de pessoal administrativo causou, no mínimo, interesse. Conseguimos ajeitar em 2 páginas vasto material preparatório sobre a Semana da PUC que discutiu em outubro sobre a reforma dos Estatutos. Capa de Hélio C. Mello e Carlos Namba. Tiragem 11 mil exemplares.

Valeu a pena?

A lição que os formandos deixam para os calouros

Ô Calouro, quando a gente começa alguma coisa, tudo são sonhos. Mas, é só entrar na Universidade e está tudo resolvido? Seus colegas que se formaram ano passado, (e que você não conheceu) estão realizados com o curso que fizeram?

PORANDUBAS ouviu vários alunos que acabam de se formar: eles apontam erros que não é necessário repetir e conquistas que é urgente prosseguir. Com a palavra o Aliomar (Administração); a Célia Watanabe (Matemática); o Marcelo Sodrê (Direito); a Cristiana Pradel, Vera Lúcia Takeuchi e Luís R. Monteiro (da Psicologia); a Dinorá e Tânia Regina (Língua Portuguesa); e o Wilson Viotto (Contabilidade).

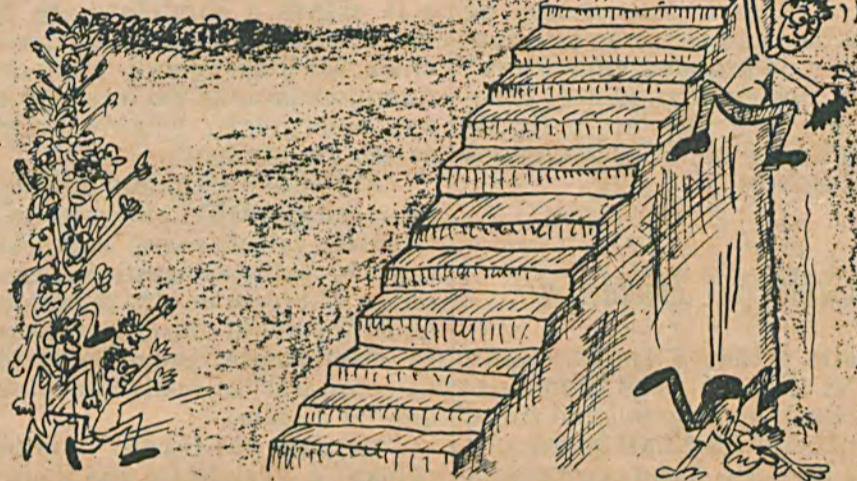
A maioria dos entrevistados teve sonhos ao entrar na PUC. Cristiana "via mil fantasias, tinha uma sensação de ser diferente, mais liberal, fazendo pesquisas, igual um tipo de filme americano que mostra Universidades com Bibliotecas equipadíssimas, discutindo o dia todo como salvar a humanidade, etc". Os problemas eram o foco das expectativas: "Eu pensava que os professores fizessem de tudo e que os estudantes soubessem muito. Tudo um grande sonho", diz Aliomar. "Percebi que os próprios professores consideravam muita coisa já sabida, não supriram nossas dificuldades do colégio" conta Dinorá.

Mas, "se a gente vai esperando grandes tchans, aí desanima. Eu me surpreendi, pois o pouco que me foi oferecido já é muito", conta Célia. Também Marcelo não tinha grandes esperanças: "Esperava um lugar para debater a nível razoável, discutir a nossa realidade, o nosso curso. Em 75, quando entrei, estava tudo fechado e o nível de discussão era nulo: até o C. A. de Direito tinha ligações com a Arena Jovem. Não existia DCE, UEE e a discussão em sala de aula era muito fútil".

O CICLO BÁSICO MEXE COM A GENTE

Calouro, você terá durante este ano todo, um curso no mínimo diferente: o Ciclo Básico, que tem disciplinas comuns a todos os cursos e uma proposta educacional mais aberta e crítica. "A PUC fez minha cabeça, desde o Básico. A gente tem uma idéia ruim do Básico, mas depois de uns dois anos é que dá grande valor", conta Luís. Célia gostou: "encontrei novos amigos, novas experiências. Passei a me entender como ser social, principalmente pelas aulas do Básico, nas matérias humanas, em que percebi que faço parte do Sistema mas tenho que traçar meu caminho". Aliomar concorda com essa mudança de visão e acrescenta que o Básico "é uma das coisas boas da PUC. Seus professores, de bom nível, são mais orientadores que outra coisa. Depende muito da vontade da gente participar. Verificamos nos colegas de outros cursos as várias linhas de pensamento: nossa turma foi muito entusiasmada e os professores conseguiram unir a gente".

Contudo, o Básico foi um sonho? Wilson acha que sim: "O primeiro ano foi muito bom, apesar de todo mundo reclamar que vivíamos sobrecarregados de matéria. Mas saí frustrado da PUC pois os colegas



deveriam ter sido mais ativos. Somos muito parecidos com a sociedade capitalista: é cada um por si. Faltou colaboração e reivindicação, principalmente no 3º e 4º anos de Contabilidade que foram um desastre porque faltou nível aos professores." As meninas da Psicologia completam: "Tínhamos muito medo do Básico, com sua linha de conscientização, com uma imagem de professor diferente do colégio. Agora, a gente que fazer alguma coisa, estamos saindo."

Mas há ressalvas. Há quem ache contraditória a proposta, os objetivos do Básico com sua realização na prática. "O relacionamento com o professor era aberto, diz Tânia, mas a estrutura continuava vinculada a provas, horários. As disciplinas específicas pelo menos assumem a repressão, têm a coragem de tirar a máscara." Marcelo completa: "O Básico é fraco e não permite que o aluno transforme sua mentalidade, torne-a mais crítica. Faltam objetivos fixos."

CLIMA: A MELHOR AULA

Marcelo teve ampla participação no Movimento Estudantil (ME, se preferem): "Na metade de 75 surgiram novas representações de base, novos CAS. Fizemos oposição à diretoria do CA e tínhamos medo de nos reunir, recebíamos cartas nos ameaçando. Isso nos deu força para formarmos nossas entidades e dar-lhes prestígio dentro e fora da PUC. Agora que saio daqui, fico frustrado ao ver que os alunos

não se interessam em participar da vida social mas em tirar um diploma". "Sendo de Contabilidade, completa Wilson, participei mais do CA de Direito do que do nosso, que só tem pingue-pongue. No CA 22 tinha festinhas e, em papos com colegas, percebi que nosso estudo é muito mais fraco que o deles".

O clima universitário é valorizado por Cristina e Vera: "A PUC é uma mãe! Mas isso é contraditório, pois, quando você sai, verifica que o mundo é uma loucura. Os calouros devem aproveitar a vida universitária fazendo cursos, assistindo a filmes, frequentando assembleias mesmo que não entendam nada no começo. É importante que os alunos de Psicologia façam matérias em outras faculdades". Célia não foi bitolada pelo curso: "Saiu realizada: esse tempo de PUC foi uma grande experiência na minha vida. Meu relacionamento com a sociedade melhorou 100% é só saber aproveitar. Os meus colegas que se propuseram a entrar e sair de sala, deixaram de aproveitar metade do curso". Aliomar aponta a verdadeira PUC: "O ambiente fora de aula é bastante movimentado. É outro nível, muito melhor que dentro da sala pelo conhecimento da vida, da sociedade, do mundo, enfim, a verdadeira bagagem cultural. Esta a gente recebe no papo com o colega, nos debates, assembleias, nos "TUCAS VIVOS". Você está na Universidade mais para se formar. Outra coisa que aumentou nossa consciência, nos deu união com professores e funcionários foi a invasão".

NÍVEL DE ENSINO

"No Direito, os professores formam um feudo, chamam seus amigos ou pessoas da mesma ideologia para dar aula" denuncia Marcelo. "O próprio estatuto da PUC é fechado e isso dá possibilidade a que um regimento estrague tudo o que esta Reitoria fez de bom, dando uma abertura em termos de estudantes e acadêmicos."

"A Reitoria tem sido bem ativa ao tentar voltar a PUC para a comunidade. Há também reforma do currículo de Administração dando possibilidade ao aluno escolher matérias de outros cursos", conta Aliomar.

Para o possal da Psicologia, o ponto alto foram os trabalhos práticos: "Este foi um bom caminho. Até o 3º ano foi só teoria, mas no 4º ano começa a prática: nós a tivemos no Núcleo Educacional, junto com a Maria Nilde. Lá tentamos inovar a Psicologia, ligada a Sindicatos, Creches, Comunidades, Centros de Saúde, Sociedade Amigos de Bairro. Nossa faculdade conta com professores muito bons, que procuram inovar o sistema educativo e buscam a função da Psicologia. O bom é que os professores não se colocam como donos da verdade".

Wilson bota a boca no trombone: "se me perguntassem, eu diria para não fazer o curso de Contabilidade. Houve o caso de um Professor que mandava fazer prova em casa. Em geral eles chegam cansados do trabalho que têm nas firmas durante o dia; há quem não corrige as provas e dá os pontos que o aluno precisa. Os calouros devem ser exigentes com os professores".

E O MERCADO DE TRABALHO?

Você dá um duro danado, estuda em cursinho tenta um monte de vestibulares e, quando recebe o cobijado canudo, não tem emprego! Calouro, a sua profissão tem mercado de trabalho? Para os formandos em matemática, "a vedete do momento é computação: há uma corrida louca, revela Célia. O campo não está saturado e é uma boa alternativa, apesar do desgaste de cuca compensa financeiramente. Fora computação, existe o magistério mas este está fora de cogitação pelo salário: é só para quem optou mesmo. Assim, é importante que desde já os calouros tracem seu ideal e batalhem por ele".

As meninas de Português encontram poucas possibilidades de trabalho, restando aulas particulares e revisão de livros, revistas, etc.: "Calouros, pensem bem se é isso que vocês querem mesmo. Não pensem que é só por ter diploma, pois o campo de trabalho não está fácil. Se possível trabalhem já na faculdade para ter experiência no ramo".

Para quem faz Direito, o campo de trabalho do advogado é razoável. "O salário é curto no começo, diz Marcelo, não falando em quem tem costas quentes pois para esses tudo é mais fácil".

"Depende um pouco da pessoa, diz Wilson. Tenho colegas que são auxiliares de escritório. Contabilidade é uma área importante mas não é valorizada nas firmas nem o salário é o que se espera."

Já o administrador de empresa, não é cargo para quem se forma. É necessário longo treinamento e ir galgando postos até chegar a ser administrador. Além disso, é grande o número de formandos, o que os leva a trabalhar por qualquer dinheiro. Isto sem falar de advogados, economistas que ocupam funções de administrador."

É, calouro... você não vai encontrar a cama pronta. Mas com jeito, com ajuda e entrosamento dos colegas e sobretudo, com vontade de construir aqui dentro, você verá que estudar na Universidade VALEU A PENA.

TIC - TAC:

Onde seu filho, de 1 a 6 anos se desenvolve com os outros.

Transformação

Infantil Treinamento do
Criativa Auto
Conhecimento

Rua Ministro de Godoy, 1.173
fone 62.5018

Zapata

Ciências Humanas

Horário das 9 às 22 hs

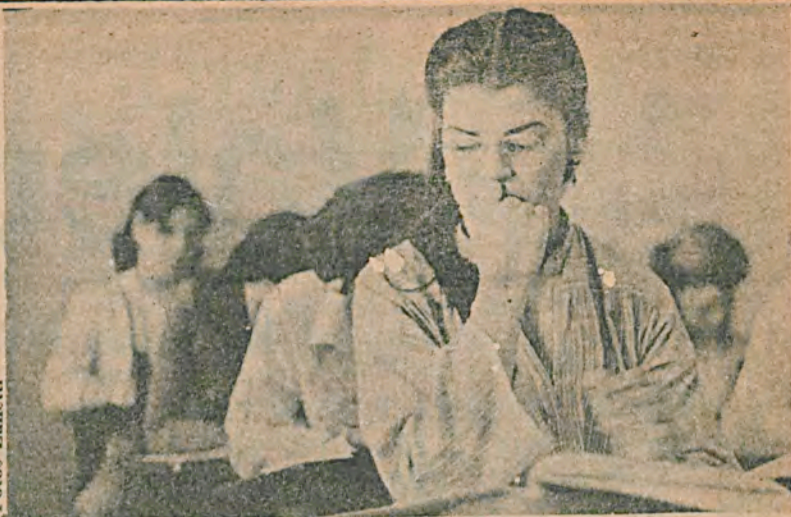
Rua Dr. Homem de Mello 446-
tel 8640077
Rua Dr. Cesário Mota Jr. 285-
Tel 2222861

VENHA COMER

por 60,00 a refeição caseira do "QUARUP-BAR CULTURAL" um sobradinho aconchegante e musical à rua Ministro Godoy, 1343 a uma quadra da PUC. Aberto até as 22h.

Folclore do Vestibular

Fotos Zanetti



Podem crer: a organização do Vestibular-80 foi excelente. Os coordenadores fizeram o possível para evitar imprevistos. Contudo, imprevistos houve, e muito pitorescos, que deram um toque de humor à siseudez do exame.

Santa Cecília

Cigarro mata mesmo. Tanto assim, que um candidato ameaçou jogar-se pela janela do 4º andar porque sofre de claustrofobia e não suportou o ambiente na sala. Foi medicado e seu pai chamado às pressas.

O rapaz do saco de papel. Um candidato entrou com um saco de papel na mão e, apesar de insistência dos fiscais, negou-se a colocá-lo na frente da sala, junto com bolsas, cadernos, etc. Afinal, aberto o misterioso saco, lá dentro havia uma tartaruga: "é minha mascote, para dar sorte", defendeu-se o vestibulando.

Outra de bicho. Numa das salas, só com mulheres, invade uma barata subversiva, causando o maior tumulto, sem que aparecesse um valente para abatê-la...

Eram dois candidatos diferentes, com o cabelo cortado rente. O primeiro tinha o olho rápido, até demais. É advertido pelo fiscal para que não cole. Ao saber do caso, o encarregado de segurança do prédio ameaça: "se esse soldado repetir a façanha, perde a prova e VAI EM CANA!". O outro soldado entrou armado no 1º dia causando apreensão entre os fiscais. A coordenação intervém e segue-se uma "cerimônia de desarmamento". (Soldado na PUC, agora só entra com vestibular e desarmado!)

Em Sorocaba, os fiscais fazem greve não permitindo a entrada dos candidatos, como protesto

contra as taxas escolares. A substituição desses fiscais acarreta o atraso de meia hora em todo o Sistema de Vestibular-PUC naquele dia. De repente, em Sta. Cecília, chegam duas moças de Sorocaba: "são ativistas estudantis, a fim de propagarem a greve" diz um dos coordenadores. Ignorava ele que elas eram fiscais transferidas e parentes de um dos organizadores...

Colégio Batista

Letra grande a daquele candidato. Na redação, usou todo o papel e continuou escrevendo sobre a prancheta. Ao final, queria por toda a lei que o fiscal recebesse a

folha e a prancheta... "Chamem minha mãe!" gemeu a garota, passando mal. Ao chegar a senhora, deu-se o milagre: filhinha no colo, paninho com água gelada na testa e lá estava a candidata em forma... Fato comum, um lápis vai ao chão. Os risos gerais explodem quando sua dona cai (mesmo) em sua perseguição, esborrachando-se em grande estilo.

Finalmente, a piada do ano. O tecnocrata do DSV, encarregado do trânsito, calculou que o prejuízo causado pelos congestionamentos foram de ordem de Cr\$ 25 milhões. (A PUC poderia conseguir essa verba diretamente, prometendo que não causaria congestionamentos... que tal a idéia).

Na gíria dos fiscais, "comunicólogo" é o candidato que tenta (e

consegue?) colar. Um fiscal percebeu a ação de duas "comunicólogas" e sentou-se entre elas, uma das quais ao ir ao banheiro, deixou o seguinte recado com a fiscal que a acompanhava: "Diz ao seu colega, para não nos atrapalhar. Ele já está na faculdade e nós precisamos entrar..."

Monte Alegre

Neste setor houve 8.695 candidatos e 2.049 pedidos de atestados para justificar ausência do trabalho. A profissão de "filhinho de papai" está em extinção, vitimada pela inflação-79.

Uma candidata tentou sair antes da hora, ora dizendo ter licença, ora tentando passar por fiscal. Levada à segurança do prédio, forçou uma "fuga espetacular", gritou, debateu-se mas embalde. Desconfia-se de "espionagem de cursinho".

Teve gente que acompanhou os candidatos até as salas e lá ficou no maior papo. Quando tentaram sair do prédio, fechado, a segurança não permitiu: quem estava fora não entrou, quem estava dentro não saiu. Houve quem até perdeu viagem... Outra pessoa tentou entrar no prédio, argumentando que era "amigo do Reitor": só que ele se esqueceu que aqui tem é Reitora! Uma jovem mãe perdeu a prova porque trouxe o filho e pretendia amamentá-lo durante o exame, ali na sala de aula: argumentou-se que só candidatos poderiam estar no recinto.

A Fantástica Invasão

"Em plena prova de nível mental, na Monte Alegre, um invasor (que não era extraterreno, mas um cara muito cara-de-pau) pulou o muro. Dentro da Universidade, olhou em volta. Achando que não era observado, tratou de correr — e como — em direção do pobre abacateiro que existe atrás das oficinas, o qual espantado,

parecia adivinhar a catástrofe que ia sofrer.

Enquanto corria, o danado foi visto por fiscais que imaginaram se espião de cursinho (talvez fosse). Trataram de chamar o Superman, digo, o vigilante. O penetra fora "perfumar e dar de beber" ao abacateiro, e quando viu o vigilante, saiu em disparada com as calças na mão" (Mauro Dept. Pessoal).

ÓTICA
LEONARDO

VAI FAZER
ÓCULOS?

Aviamos sua receita
médica com rapidez
e perfeição.

DESCONTO DE 20%
PARA O PESSOAL
DA PUC

Av. Antártica 437
(partinho do Palmeiras)

Fone: 364-6864

CORTEZ
Editora e Livraria

Apesar de tudo, mas com o apoio de todos, continuamos no mercado livreiro/editorial.

A CORTEZ EDITORA E LIVRARIA comunica a seus velhos e novos amigos que já está atendendo em suas novas instalações.

Os lançamentos editoriais deste início de ano são os seguintes:
AMMANN, Safira Bezerra — Ideologia e Desenvolvimento de Comunidade no Brasil.

CERQUEIRA, Gelba Cavalcanti — Modelos Teóricos do Serviço Social de Grupo: Adaptação ou Transformação?
LOPES, Josefa Batista — Objeto e Especificidade no Serviço Social: Pensamento Latino-Americano.

LIMA, Sandra Amêndola Barbosa — A Participação Social no Cotidiano.

BARBOSA, Mário da Costa — Planejamento e Serviço Social.

FALEIROS, Vicente de Paula — A Política Social do Estado Capitalista: As Funções da Previdência e da Assistência Sociais.

MIGUEL, Walderez Loureiro — O Serviço Social e a "Promoção do Homem": Um estudo de ideologia.

GRUPO META — Serviço Social na Empresa: Utopia ou Realidade?

CAPARELLI, Sérgio — Comunicação de Massa sem Massa,

SANTAELLA BRAGA, Maria Lúcia — Produção de Linguagem e Ideologia.

AMATUZZI, Mauro Martins — Crescimento e Ajuda: Veredas em Psicologia.

HOLANDA LEITE, Armando Roberto — Dos Fatos e Atos Jurídicos.

REVISTA EDUCAÇÃO & SOCIEDADE Nº 5

REVISTA SERVIÇO SOCIAL & SO-

CIÉDADE Nº 2
CADERNOS PUC (co-edição EDUC)
Nº 1 — Filosofia / Nº 2 — Ciências Sociais / Nº 3 — Educação / Nº 4 — Psicologia / Nº 5 — Linguística

Afora estes lançamentos estamos co-editando com a EDITORA AUTORES ASSOCIADOS a COLEÇÃO EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA.

CORTEZ EDITORA E
LIVRARIA LTDA.

Rua Ministro Godoy, 1.113
05015 — São Paulo — SP
quase esquina com a rua Bartira

TEL. (011) 864-6783

DE SEGUNDA A SÁBADO —
DAS 7:00 ÀS 23:00 Horas.

As nuvens, aqui eu cito
As ondas do mar imenso
Tudo aquilo que se move
Que desce ou está em ascenso
Música que faz da vida
Esse movimento intenso

60

Assim, justiça e bom senso
Foram usados pra tudo
Varrendo o mundo maluco
Do Belzebu cabeludo
Que ficou bobo de espanto
E de vergonha está mudo

61

Um dia, se não me iludo
Um Anjo ia passando
Curioso, veio ver
E logo foi se espantando
Dizendo: "Aqui era Inferno;
E mudou-se desde quando?"

62

E todos, homem e mulher
Mudaram, enfim e na raça
O que a fábrica fazia:
Se era brasa e fumaça,
Tridente, espeto e caldeira
Tudo sumiu da praça

57

Cansada dessa desgraça
A classe trabalhadora
Fez o seu próprio projeto
Como classe produtora:
Foi fabricar a beleza
E a poesia da aurora

58

Em vez da dor opressora
Fabricava o infinito
As estrelas luminosas
O rio, que canta bonito,
E mais fabricava o povo,
Com seu trabalho bendito

59

Seguiram estrada fria,
Escura, aquela tristeza...
O diabinho, escondido,
Sorria com esperteza
Que Santo desconhecia
Uma cruel safadeza.

15

Deu-se a seguinte proeza:
No dia em que morreu Santo,
Os patrões logo correram
Procurando em todo canto
Falar com o Belzebu
Propondo um acordo e tanto.

16

Sem nem perguntar por quanto
Pediram pra não deixar
Que Santo fosse subindo
Até o Juízo encontrar
Porque dali, era certo,
Que no Céu iria entrar.

17

Belzebu, a gargalhar
A gargalhada infernal
Topou o acordo, e mandou
Seu mensageiro fatal.
E aí, já sabem vocês,
E Santo se dando mal.

18

Seguindo a trilha fatal
Com um certo medo interno
Tudo escuro à sua volta,
Aquele clima de inverno,
Santo viu surgir a porta
Negra e sebosa do Inferno!

19

"AQUI É O CASTIGO ETERNO."
Estava escrito lá em cima
E o diabo completou:
"Eterno com Inferno rima
Já é pra desanimar
Porque aqui ninguém se anima."

20



A VIDA ETERNA DE SANTO

por Laerte Coutinho



“Mais um recado eu preparo
Esse o último, o terceiro
Diga pra toda a classe
Para todo companheiro
Que o povo organizado
Há de vencer, altaneiro”

70

“Ajuda a classe valente
A compreender bem no claro
Se a morte é preço bem alto
A indiferença é mais caro
Assim na vida encarei
Assim na morte eu encaro”

69

“Nem um instante sequer
Esqueço do amor da gente
Que nos uniu todo o tempo
E interrompeu bruscamente
Mas lembre que a minha morte
Não se deu inutilmente”

Este crime verdadeiro
Estarreceu a nação
Santo morreu ali mesmo
O rosto colado ao chão
Quando a bala de um policia
Atravessou-lhe o pulmão.

1

Neste ano uma tragédia
Caiu sobre o povo inteiro
Tombou morto um operário
Ferido em tiro certo
Foi Santo Dias da Silva
Trabalhador brasileiro.

Santo contra o Inferno

E assim lhe disse o maldito:
“Santo, pode ir parando
Que eu tenho ordem expressa
E já vou executando
De levar você pro Inferno
Já estão lhe esperando.”

10

E lá ia o lutador
Pro seu destino infinito
Quando barrou-lhe o caminho
Um diabinho esquisito
Santo sentiu nessa hora
Que já ia haver conflito.

9

Na vida em nenhum momento
Desagradou ao Senhor.
Pelo contrário, fez tudo
Que ordena o Criador
Dedicou-se aos companheiros
Com nobreza e valor.



anto falou então:
Meus companheiros de fato!
stam a mesma sina
o mesmo destino ingrato;
ntemos como na Terra,
nidos num Sindicato!”
51
plaudido foi o trato
bem cedo foi cumprido
ois o trabalhador sabe
or ter lutado e aprendido
samente na unidade
que jamais será vencido

52

elzebu, espavorido,
untou os cães num segundo
abo no meio das pernas
oi pro Inferno mais profundo
nde não chega nenhum
rabalhador desse mundo

53

O horror estava pronto:
Não tinha ali nem saída
Nem hora pro cafezinho
Sempre a função repetida
De sofrer depois da morte
O sofrimento da vida.

33

E Santo viu definida
A sina de prisioneiro
Viu que daquele jeito
Não haveria exagero
Em dizer que aquele Inferno
Era o Inferno verdadeiro.

34

Mas como um bom companheiro
Sempre valente e altivo
Já clareou sua mente
E um pensamento ativo
Aflorou, chegando à boca
No momento decisivo.

35

Bufando alto, dizia:
“Já vais saber o teu fim
Aqui vai pensar no duro
Que eu determino assim
Estás sob a lei do Cão
És servo do Coisarum!”

24

Santo falou: “Eu vim
Sem saber por que direito
Me expliquem o que acontece
Porque já vejo o malfeito
Se houver enganação
Pra brigar eu tenho peito!”

25

Belzebu ficou desfeito
Vermelho, verde e laranja
Parecia discoteque
Que cor e barulho esbanja
Olhou pro Santo bem sério
Por baixo da negra franja.

26

anto falou então:
Meus companheiros de fato!
stam a mesma sina
o mesmo destino ingrato;
ntemos como na Terra,
nidos num Sindicato!”
51
plaudido foi o trato
bem cedo foi cumprido
ois o trabalhador sabe
or ter lutado e aprendido
samente na unidade
que jamais será vencido

52

elzebu, espavorido,
untou os cães num segundo
abo no meio das pernas
oi pro Inferno mais profundo
nde não chega nenhum
rabalhador desse mundo

53

O horror estava pronto:
Não tinha ali nem saída
Nem hora pro cafezinho
Sempre a função repetida
De sofrer depois da morte
O sofrimento da vida.

33

E Santo viu definida
A sina de prisioneiro
Viu que daquele jeito
Não haveria exagero
Em dizer que aquele Inferno
Era o Inferno verdadeiro.

34

Mas como um bom companheiro
Sempre valente e altivo
Já clareou sua mente
E um pensamento ativo
Aflorou, chegando à boca
No momento decisivo.

35

Bufando alto, dizia:
“Já vais saber o teu fim
Aqui vai pensar no duro
Que eu determino assim
Estás sob a lei do Cão
És servo do Coisarum!”

24

Santo falou: “Eu vim
Sem saber por que direito
Me expliquem o que acontece
Porque já vejo o malfeito
Se houver enganação
Pra brigar eu tenho peito!”

25

Belzebu ficou desfeito
Vermelho, verde e laranja
Parecia discoteque
Que cor e barulho esbanja
Olhou pro Santo bem sério
Por baixo da negra franja.

26

anto falou então:
Meus companheiros de fato!
stam a mesma sina
o mesmo destino ingrato;
ntemos como na Terra,
nidos num Sindicato!”
51
plaudido foi o trato
bem cedo foi cumprido
ois o trabalhador sabe
or ter lutado e aprendido
samente na unidade
que jamais será vencido

52

elzebu, espavorido,
untou os cães num segundo
abo no meio das pernas
oi pro Inferno mais profundo
nde não chega nenhum
rabalhador desse mundo

53

O horror estava pronto:
Não tinha ali nem saída
Nem hora pro cafezinho
Sempre a função repetida
De sofrer depois da morte
O sofrimento da vida.

33

E Santo viu definida
A sina de prisioneiro
Viu que daquele jeito
Não haveria exagero
Em dizer que aquele Inferno
Era o Inferno verdadeiro.

34

Mas como um bom companheiro
Sempre valente e altivo
Já clareou sua mente
E um pensamento ativo
Aflorou, chegando à boca
No momento decisivo.

35

Bufando alto, dizia:
“Já vais saber o teu fim
Aqui vai pensar no duro
Que eu determino assim
Estás sob a lei do Cão
És servo do Coisarum!”

24

Santo falou: “Eu vim
Sem saber por que direito
Me expliquem o que acontece
Porque já vejo o malfeito
Se houver enganação
Pra brigar eu tenho peito!”

25

Belzebu ficou desfeito
Vermelho, verde e laranja
Parecia discoteque
Que cor e barulho esbanja
Olhou pro Santo bem sério
Por baixo da negra franja.

26

Vamos agir sem demora
Trazendo mais companheiro
Pra junto se organizar
Como ensinou, altaneiro,
O Santo Dias da Silva,
Trabalhador brasileiro!

73

Assim falou, meu leitor
E o recado está agora
Entregue na sua mão
Sendo lido nesta hora
E recado é o caminho
Da classe trabalhadora

72

“Seja nesse mundo inteiro
Seja no Inferno, onde for,
Unido organizado
Ele há de ser vencedor
Acabando a tirania
E derrotado o opressor”

“Ofende o nosso decoro
Sua atitude ilegal
Ninguém do lenho se livra
Tá pensando que é o tal?
Não quis trabalhar por bem,
Pois vai trabalhar por mal!”

39

E, num barulho infernal,
Surgiram assim do nada
Quinhentos minidemônios
Das trevas em cavalgada
Quinze e Treze e
Mostrando a garraafiada

40

Dos ares, em revoadada,
Capetas que nem morcego
Com gases lacrimogêneos
De deixar qualquer um cego
De mil e tantos Satãs
Belzebu fazia emprego

41

Direitos cedidos ao PORANDUBAS
Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo

tels.: 864-3271, 864-4028 - CGC 51.233.203/0001-69

São Paulo, Brasil

OSONÉ EDITORIAL LTDA. - Rua Caetés, 84, Perdizes,

Volume 2 da coleção "O Povo e seus Poetas"

Conceição Cahu - Produção gráfica: Jaime Prades

Capa: foto João Bittar/desenho Elifas Andreato - Ilustra-

ções: Luta no Inferno Jaime Leão/Trabalho Bendito

De Laerte Coutinho

A vida Eterna de Santo ou Santo contra o inferno.

TERCEIRA EDIÇÃO CORRIGIDA
MARÇO 1980

Laerte é conhecido como de-
senhista, cartunista, chargista,
como o artista que, há mais de re-
anos, dedica-se ao projeto de re-
novar a linguagem e os recursos
da imprensa sindical paulista.
Aqui vamos conhecê-lo como
poeta. Como um dos poetas que
tem coragem de cantar o seu po-
vo: na luta, na morte e na vitória
sobre a morte.

Santo falou: “Quando vivo,
Não me dobrei ao patrão,
Reclamamos o direito
Na nossa organização
Do que aprendi na vida
E essa a maior lição.”

36

“Não sei qual a condição
Que me trouxe à profundidade
Mas disso tudo que vejo
Que é exploração, dou certeza
E, igual eu fiz na Terra,
Vou combater com firmeza”

37

A diabada, já acesa,
Gritava, todinha em coro:
“Belzebu, dá jeito nele!
Faz trabalhar feito mouro!”
E Belzebu, estourando,
Gritava: “É desaforo!”

38

Disse ao demônio: “Vá indo,
Eu lhe sigo e você guia.”

13

Nunca ter morrido antes.
E, além de tudo, um fato:
Do diabinho os mandantes
Não sabia quem seriam
As ordens tão humilhantes
Aceitou, a muito custo,
Mais pra injunto que pra justo.

12

Sem saber se aquilo era
Do diabinho ou vetusto
De frente à figura feia
Levando um punhado de
O Santo quando no cifonete

“Nada há que lhe redima”
Dizendo isso, empurrou
O Santo lá para dentro
E o portão já trancou
Belzebu, ali dum canto
Num urro se levantou.

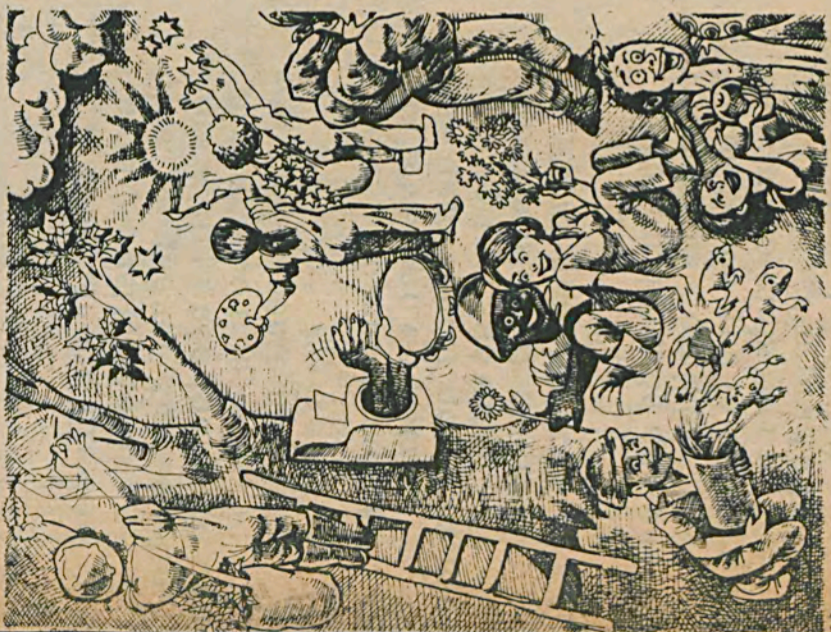
21

Chegou bem perto e dançou
No meio daquele lixo
Pulava, batendo os cascos,
Um no outro, feito bicho.
A cabeleira ensebada
Pra trás, com todo o capricho.

22

Fez o maior buxixo
Demonstrando a alegria
De se achar vitorioso
Porque ele assim sabia:
Trazendo Santo ao Inferno
A lei do Cão que vencia.

23



E o movimento fecundo
Que nesses versos eu conto
Conseguiu uma vitória
Que deixou Belzebu tonto
O velho Inferno caiu
E outro surgiu, de pronto

54

Novo relógio de ponto
Já funciona ali, sem mola
Seu tique-taque é um samba
Do Paulinho da Viola
A jornada de oito horas
E quatro, se der na bola

55

Quanto à hora extra, o bitola
Que entrar numa sequer
Tem um castigo horrroso:
Ir pra praia que quiser
Passar um mês bronzendo
Com quem melhor lhe aprou

56

E Santo via chegar
 Marias, Flávios, Miguéis
 Mil milhares de Joões
 Carlos, Walteres, Josés,
 Ivanis e Severinos,
 Cleusas, Fábios, Manoéis,

48

E juntos, milhões de pés,
 Como nunca se assistiu,
 Marchando, unidos, vencendo
 De cambulhada o canil
 Gritando: "Eu sou o povo
 Trabalhador do Brasil!"

49

E Santo então pressentiu:
 Todos morreram na ação
 E todos eles no Inferno
 Sob a mesma maldição
 Vítimas do feio trato
 De Belzebu com o patrão

50

"Isto aqui não é canja
 E ninguém vai ter moleza!
 Vais trabalhar dobrado
 Suando que é uma beleza
 Hora extra todo dia,
 Umas quinze, com certeza!"

27

Santo olhou a redondeza
 E quase caiu pra trás.
 Viu uma fábrica imensa
 Suja, com gases mortais
 Máquinas perigosas
 E ruídos infernais.

28

Viu tudo isso e viu mais:
 Um torno que fabricava
 Caldeiras, garfos gigantes
 Que a diabada usava
 Pra espetar e assar
 A alma que ali penava.

29

Existe mesmo é um trato
 Entre polícia e patrão
 Nós sabemos muito bem
 De onde vem a decisão
 Se um dedo aperta o gatilho
 Alguém deu ordens pra mão.

6

Mas peço a vossa atenção
 Pro que vou contar agora.
 A vida nobre do Santo
 Já se gravou na História
 Falta contar o relato
 Depois que ele foi embora.

7

Santo, ao romper da aurora,
 Foi subindo aos firmamentos
 Para enfrentar o Supremo
 Dos Supremos Julgamentos
 Foi sem medo ou receio
 Pois tinha merecimentos.

8

Uma esteira rolava
 Produzia em vez de peças
 Brasas, carvões fumegantes
 Em várias, muitas remessas
 Queimando a carne das gentes
 Deixando as marcas impressas.

30

E nesse mundo às avessas
 O que o Santo percebeu
 É que tinha semelhança
 Com o mundo que conheceu
 Que tudo se repetia
 No inferno negro de breu.

31

E mais pra ver ainda deu:
 Ali no relógio de ponto
 Em vez de hora e minuto
 Um ponteiro andava tonto
 Marcando séculos, anos,
 Sem descanso e sem desconto.

32

Na dor, na forte emoção
 Uniu-se todo o Brasil
 Ao desconsolo da esposa
 E no enterro que se viu
 Uma grande multidão
 Juntou mais de vinte mil.

3

A morte cortou o fio
 De uma vida combativa
 Santo morreu defendendo
 A classe, com força viva
 Um bravo trabalhador
 Da luta nunca se priva.

4

Uma desculpa evasiva
 Arrumaram para o fato
 Disseram que foi no rolo,
 E que houve desacato
 Mas sempre o policial
 É quem começa o maltrato.

5

A confusão tava pronta.
 Santo pensou: "Comigo
 Deve haver mais companheiros
 E quem vier é amigo
 Lado a lado com tal gente
 Até com Belzebu brigo!"

45

Buscando melhor abrigo
 Pôde enxergar no sarilho
 Os companheiros de luta.
 Veio em seus olhos um brilho
 De emoção quando viu
 O Manuel Fiel Filho

46

E vinha no mesmo trilho
 O Vlado Herzog a lutar
 Martinez, que em 17
 Na greve foram matar;
 João Rodrigues da Silva,
 Um companheiro exemplar

47

"Diga que ele vai prestar
 Conta à Justiça Divina
 Mas, no que me diz respeito,
 Minha alma não lhe incrimina
 Já perdoei o que fez
 Que a sua mente não atina"

66

"Deve é buscar a vacina
 Pra o veneno do patrão
 Que quer vencer nossa mente
 E já norteia sua mão
 Que compreenda seu erro
 Ao atirar num irmão"

67

"Segundo dos três que vão
 É o recado à mulher
 E aos filhos que lá ficaram
 Que lute o mais que puder
 Tenha coragem pra tudo
 Que pela vida vier"

68

Ele Botou Santo no Inferno

Conheci Laerte na Escola de Comunicações da USP, onde fomos colegas e trabalhamos no CA. Seu desenho era uma constante em todos os cartazes e publicações estudantis. O Laerte era uma espécie de patrimônio da gente, de que nos orgulhávamos. A vida caminhou mais um pouco e o "nosso chargista" ganhou prêmios no Salão de Humor de Piracicaba, mandou coisas para Graphis, fez capas de Veja, etc, etc. Agora, colabora na Oboré com a imprensa sindical e desenha na Gazeta Mercantil. O leitor do Porandubas o conhece das capas das edições nº 15,16,17,20.

Na presente edição, Laerte mostra outro aspecto de seu talento, como escritor de cordel, acerca da morte do metalúrgico Santo Dias da Silva. Desta forma PORANDUBAS presta sua homenagem a este operário, que esteve entre nós várias vezes, contribuindo com sua vivência. (Jorge Claudio-editor).

"Meu desenho, em grande parte, está vinculado à notícia e ao enfoque específico do jornal, sindical, econômico, etc. Ao lado disso, entro com minha intenção própria: estou preocupado em formar opinião e não, por exemplo, em dar "furos jornalísticos". Sempre me liguei muito em desenhar, me atraía o humor do Saturday Evening Post (o tipo do humor americano da década de 50).

O desenho de humor tem uma característica esquisita. Quando você lê um editorial, você o discute, o associa à linha do jornal, etc. Já o desenho

de humor é meio consenso, algo meio cristalizado: daí sua força e sua responsabilidade porque o leitor não o discute. Até Freud se ocupou disso num livro seu sobre o humor e o inconsciente: o humor é um golpe no pensamento lógico-racional e por isso não admite discussão a não ser o confronto com outra piada. Ora, como o fazedor de piada é muito raro, esse confronto quase não existe.

Por sua vez, a poesia também é um golpe no racional. Não sou poeta mas posso ver como humor e poesia têm alguma parceria entre si. Sempre brinquei com rimas, do tipo "todo saco um dia fura e nenhum chato se cura".

SANTO

Quando o Santo morreu, eu quis fazer algo a respeito mas senti que as charges eram pouco. Precisava ser algo mais chegado à reportagem mas que tivesse a força indiscutível da charge, aliada à beleza poética. Não poderia deixar de ter humor; essa "coisa" poderia ser até engraçada. Contudo, o fato foi "co... e aí? Meio intuitivamente fui lendo a poesia de cordel, que é uma verdadeira reportagem popular, carregada de humor e vestida de poesia. Puxei um pouco pelo discurso-padrão que inicia os cordéis: depois que se começa, não é possível parar mais. O fato do assassinato do Santo ganhou tons graves. Depois vem o desbunde, a imaginação do depois da morte. Os folhetos freqüentemente apresentam encontros de Padim Ciço, Lampião com o demônio.

Aí pensei: "o que é o inferno?" Vi que são as coisas que agredem a vida do trabalhador, é a fábrica. A estória foi caminhando até que chega na transição do inferno, que não muda de

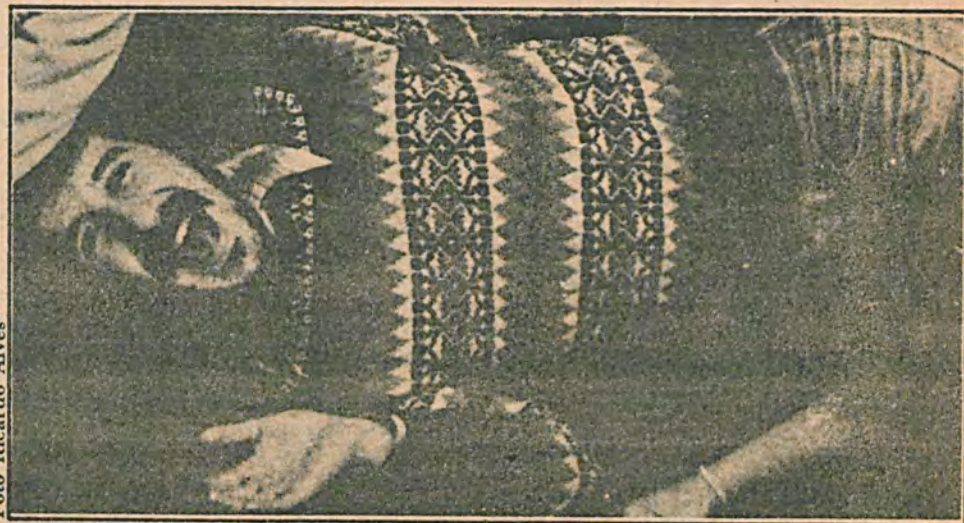


Foto Ricardo Alves

moda, (mas o povo convive perfeitamente com essas situações) mas passa a ser aprovado por Deus. Senti que pude dar um recado politicamente justo nesse relato.

MULTIPLICAÇÃO

Os direitos desse folheto foram cedidos à Comissão de Solidariedade aos Metalúrgicos Demitidos; ao Sindicato dos Jornalistas, na venda avulsa pela Igreja e agora vem a publicação no Porandubas. A reação das pessoas

tem me agradado muito. Há operários que levam o cordel para casa e o lêem com a família, foi lido também no Teatro Municipal de SP num show do Paulinho da Viola; no fim vários bilhetes, pessoal do teatro foram aos bastidores dar os parabéns.

Uma coisa que ficou bonita foi também a colaboração de ilustradores como o Jayme Leão, a Conceição Cahú, o Elifas Andreatto e a foto do Jacó Bittar

Nas páginas 5 a 8 — que compõem uma folha única, frente é verso — PORANDUBAS publica o cordel de Laerte Coutinho. Destaque a folha, dobre-a quatro vezes, geometricamente, até for-

mar o conjunto de 30 páginas de que consta o poema. Para sua facilidade, comece a dobrar a partir da capa, que se vê à direita da página 5. Depois, é só recortar as bordas e grampear.

Teologia da Periferia

Durante dez noites, deu-se a Utopia: o Povo na Universidade.

Seguramente não foi o público que o TUCA está acostumado a receber. Muitos chegaram direto do trabalho e após as sessões precisaram tomar 3 conduções para chegar em casa. Havia também um número maior de negros do que o habitual. No geral, gente de mão calosa, que durante dez noites frequentou a Universidade, talvez pela primeira (e a última?) vez. Em nenhuma noite a freqüência de 1.500 pessoas caiu e, quase sempre, havia gente nas escadas. Era um público envolvido, batendo palmas com freqüência, se emocionando com intensidade, cantando junto

com os conferencistas. Isto ocorreu dias 21 de fevereiro a 1º de março. Curso "A Igreja na América Latina". Participantes em sua maioria vindos de Comunidades de Base. O povo na Universidade: finalmente, embora por pouco tempo.

Tamanha mobilização popular foi um sinal expressivo de que a Teologia da Libertação, mais que moda passageira, nasceu mesmo dos meios mais oprimidos da população. Não adiantaram pressões indiretas providas de setores reacionários da Igreja, para que Bispos da América Latina não comparecessem, ou que D. Paulo levasse um "pito" de um Cardeal que ouvira o galo cantar em tupi-guarani e não em latim... O encontro teve 2 momentos: de um lado os 160 teólogos de 42 países do 3º Mundo refletindo e aprofundando a relação entre Evangelho e Libertação total dos oprimidos. De outro, mais de 1.500 pessoas todas as noites, sem arredar pé, manifestando o quanto a



Foto Maristela Maffei

Daniel, Frei Betto, Descoto: noite da Nicarágua

reflexão daqueles teólogos era importante para seu próprio engajamento.

O Congresso Internacional Ecumênico de Teologia foi o quarto encontro promovido pela Associação de Teólogos do 3º Mundo (ASETT). A ASETT promove o intercâmbio entre teólogos e cristãos do 3º Mundo entre si e com as minorias pobres dos países desenvolvidos, além de integrar

Teologia e Ciências Sociais e também as comunidades engajadas na transformação social. Os encontros da ASETT começaram em 1976 na Tanzânia (com Nyerere presente), depois em Gana, a seguir no Sri Lanka (antigo Ceilão) e finalmente em São Paulo. Pretende-se realizar ainda uma reunião de avaliação e uma outra em que haverá um diálogo com os teólogos do 1º

Mundo, que fazem a Teologia Predominante. Faziam parte do Comitê Organizador do Encontro, entre outros, os profs. da PUC, Luiz Eduardo Wanderley e Edênio Valle. Também da PUC, o Prof. Paulo Freire participou do encontro durante a manhã do dia 29/2. Sua filha iria dar à luz e ele aproveitou para dar uma chegadinha ao Brasil e ao encontro.

"PACHACUTI"

Os teólogos do 3º Mundo, presentes ao encontro, faziam colocações nas mesas-redondas à noite no TUCA. Tratou-se das condições de dominação do capitalismo, de casos concretos de experiências populares, fatores de vitalidade e estagnação da Igreja nos vários continentes. Eis alguns "flashes":

D. Paulo — ressaltou o interesse das pessoas pelo Curso: "às vezes nem de graça se enche esta sala". Deixou a questão do posicionamento das Comunidades de Base frente à política: "serão elas confinadas no balaio partidário? É preciso mudar o coração dos indivíduos e também as estruturas. Só assim constituiremos a Pátria Grande Latino-Americana." O índio Aymara Alejandro Guatchala, da Bolívia, contou a história de seu povo, sua civilização, como foram conquistados e como a Igreja foi instrumento do sistema. Contou que em 1975 os líderes das bases fizeram um Concílio Metodista Aymara que desconheceu o Bispo: "Há que derrubar a Igreja quando não está a favor dos pobres".

O peruano Gustavo Gutierrez, conhecido teólogo da Libertação, ressaltou que a irrupção do pobre no processo latino-americano é irreversível. Explicou que o conceito de "pobre" é sempre coletivo, classial e também conflitivo. Contou que os índios quechuas classificaram a invasão dos europeus com a palavra "PACHACUTI", isto é, o mundo ficou de cabeça para baixo. "É preciso um novo PACHACUTI, que eu traduziria por Revolução, para recolocar o mundo sobre seus pés", finalizou.

PUEBLO, LIBERACIÓN

Juana de Guatemala (vide entrevista) falou dos levantes índios desde 1521. Ao contrário do que a história oficial faz crer, os índios não são passivos. A consciência

de ser índio e pobre os une mais na luta. O haitiano William Smarth é um sacerdote exilado (vide entrevista) em Nova York onde acompanha a colônia haitiana de 250 mil pessoas. "Haiti é o país da pobreza por excelência, apesar de ter sido o primeiro a se tornar independente, a ter a primeira luta de guerrilheiros, chegaram a ajudar a Bolívar. O Vaticano tem como o Governo uma antiga concordata que aprofunda ainda mais o autoritarismo".

Elza Tames, de Costa Rica, falou da dupla exploração: ser pobre e ser mulher. Contou que a repressão dos governos militares na América Central provocou ampla resposta popular, a qual inquietou os donos do sistema.

James Cone, negro americano é pastor e pensador da Teologia Negra ("Black Theology"). Faz parte da Igr. Metodista Africana, que foi fundada em 1787. Falou do caráter conservador das Igrejas, as quais se separam a fé da política no contexto da sociedade industrial capitalista. Disse que o sagrado, entendido como prática da justiça, é um desafio às estruturas do poder. A Teologia Negra nasceu das Igrejas Independentes, formadas pelas reuniões noturnas dos escravos nas matas; aí são gestados os germes da libertação e os "spirituals", música religiosa negra. Cone terminou com uma afirmação que causou rebuliço: "Deus é Negro: afirmar isto é dizer que Deus tomou o partido da vítima."

APERTANDO O PARAFUSO

Manuel Raimundo é camponês de cana de Pernambuco. Sua comunicação foi imediata com os presentes. Contou que depois de 64 o movimento de resistência não morreu, apesar das condições de vida que "mandavam muita gente para São Paulo. Apesar da repressão, agora já se faz alguma coisinha. Fizemos até uma greve. A gente é explorado até no carão do olho. Não temos ainda muita organização mas já acabou o medo: o caboclo pensa que senão morre de fome, morre de bala. Então é melhor morrer lutando".

Houve um dia em que todo o TUCA cantou. Primeiro, junto com Guilhermina, campesina colombiana que falou da organização de 750 grupos de mulheres, que lutam escondido dos Bispos porque estes mandam que elas se acomodem: "Deus quer a opressão." Ao final puxou o hino "Companiera, Despierta" que elas

cantam todos os dias e são obrigadas a decorar, senão têm que engolir o papel... Também Carlos Mesters, conhecido missionário holandês com 30 anos de Brasil, ensinou o hino "Mandacaru", que é o símbolo do povo por ser uma planta que mesmo nas piores secas dá flor e fruto. Ele contou como a Bíblia tem ajudado na conscientização dos camponeses.

PÁTRIA LIBRE O MORIR!

Dia 29/2. O TUCA inteiramente lotado, faixas, fotografos e câmaras de TV. Foi a noite da Nicarágua, com a presença de Daniel Ortega Saavedra, da Junta de Governo; de Miguel Descoto, Min. de Relações Exteriores; de David Cheverria, (vide entrevista) Socorro Guerrero, Agostinho Zambola e Uriel Molina. Em meio à intensa vibração, Socorro trouxe a saudação das mães nicaraguenses. Ela é operária, cedeu sua casa como esconderijo para os sandinistas. David descreveu as torturas a que foi submetido por causa do engajamento de sua fé. Disse que morrer só tem sentido quando se luta por um povo, que se tornará a Pátria Grande sonhada por Bolívar, Sandino, e outros. Agostinho é sacerdote capuchinho e trabalhou com comunidades de base camponesas e contou como aos poucos eles se engajaram na luta, levados pela reflexão conjunta da Bíblia. Uriel Molina é um dos sete sacerdotes chamados por Somoza de "Irmãos de Marx" que protestaram contra a morte de sandinistas metralhados. Conta Uriel como comunidade de jovens universitários, começou a se abrir ao Evangelho e a entrar na clandestinidade, e entre eles estava David.

Miguel Descoto falou de uma Nicarágua autenticamente cristã. "Nossa ideologia nasceu nos rios, nas montanhas: é o sandinismo, o nacionalismo e a democracia. A Nicarágua quer ser ajudada pela Igreja, que agora tem uma oportunidade única. O comandante Daniel Saavedra foi entusiasticamente aplaudido. "Esta é uma revolução que não podemos isolar da luta dos outros povos; pelos quais fomos respaldados. Há o perigo de se querer copiar Fidel: na prática vimos que a Revolução cubana, heroica e magnífica não se repetiria da mesma maneira entre nós. Foi preciso buscar as raízes de nosso

processo. A vitória foi possível não porque tínhamos mais armamentos ou combatentes mas porque nos unimos. A reconstrução não depende dos 75 milhões de dólares mas da determinação do povo, mesmo porque teríamos o direito de exigir dos EUA, uma indenização histórica pelos danos que nos causou."

A noite terminou com todos cantando o hino sandinista, entoado pelo grupo "União e Olho Vivo", que fez homenagem especial a Daniel e a Pedro Casaldáliga. Terminava o apoio à Nicarágua, que foi uma fortíssima referência e citação obrigatória de quase todos os conferencistas em todas as noites.

ENCERRAMENTO

No último dia falaram representantes de Ásia e África. O prof. José Shipenda, de Angola, falou em português: "Vocês falam de organização de base: pois na África não conhecemos outra coisa, na agricultura, na construção de casas, na partilha da dor. No início, os africanos tinham terra e chegaram os missionários com a Bíblia. Depois ficamos com a Bíblia e perdemos a terra... Contudo, a Bíblia passou a ajudar na Libertação, a tal ponto que 60% dos chefes de Estado africanos são cristãos confessos e Agostinho Neto levava a Bíblia para onde fosse".

D. Paulo esclareceu o "pito" que teria levado por uma suposta indisciplina. "Desde meados de 79 estivemos em contato com o Secretariado dos Não-Cristãos, visto que o Encontro foi Ecumênico, a tal ponto que o Cardeal Willebrands estaria presente. Em 21 de janeiro recebi carta de D. Baggio mas a respondi diretamente ao Papa que nos tem dado todo apoio e relatei o caso à CNBB. Não respondi a D. Baggio porque ele não tinha nada com o assunto."

Finalmente foram aprovados dois documentos: uma carta ao Papa solicitando revisão da Concordata com o Haiti e uma moção de apoio manifestando compromisso com as lutas populares pela libertação, apoiando a caminhada do povo da Nicarágua, exigindo rápida averiguação no assassinio de Santo Dias da Silva e apoiando o documento da CNBB sobre os problemas da terra.

Teologia da Libertação

Sai de moda, vai pra história

Gente da base e teólogos rimam oração com Libertação

São eles o Comandante David Chevaría (Nicarágua); Juana Vasques, religiosa da tribo quiché (Guatemala); Dom Pedro Casaldáliga; Pe. William Smarth (haitiano exilado em N.York); Enrique Dussel (mexicano, filósofo da Libertação); Leonardo Boff. Com exclusividade para PORANDUBAS.

Não deixem Nicarágua só (Comandante David)

PORANDUBAS: Como começaste a ser sandinista?
David: Eu participei durante 12 anos numa comunidade cristã. Tenho agora 26 anos. Também trabalhava como mecânico de autos. Depois de 6 anos de comunidade comecei a ter consciência de que para ser autenticamente cristão, tinha que me identificar com a causa do pobre, a causa do Evangelho. Na comunidade eu trabalhava com jovens e operários: quando me convidaram para o partido sandinista, aceitei porque sabia que era a única forma de me identificar politicamente com o

pobre, diante da crise política da ditadura. É um erro identificar-se teoricamente com o pobre, até disfarçar-se de pobre usando roupas velhas, chinelos, cabelo grande. A única identificação possível é com a luta do pobre, não ideologicamente mas na prática. Não basta dizer "me duele el pueblo".

Como sandinista comecei com pequenos operativos: distribuir papeletas, pichar as casas, hastear bandeiras nos postes, esconder companheiros, trazer armas. Minha casa virou esconderijo: era perigoso pois se me pegassem, seria torturado. Depois passei à ação militar: assaltos a bancos, a lojas de equipamentos de imprensa, assaltos onde havia equipamento militar. Fui preso durante um operativo, fui torturado e fiquei preso 6 meses. Quando fui solto fiquei clandestino mas fui seguido e tive de me refugiar nas montanhas durante 4 meses, até o triunfo em Manágua. Agora sou chefe de uma seção de armamentos, onde preparamos as armas deixadas pela Guarda Nacional..

PORANDUBAS: Qual foi a participação dos intelectuais na Revolução? David: Há dois tipos de intelectuais: os progressistas, inquietos pelas lutas populares e os que se ocupavam em explorar o trabalhador e que no momento estão indecisos. Os primeiros se integraram nos Ministérios, da Cultura, da Reconstrução, do Bem-Estar Social.

O Ministério da Cultura não foi criado para reviver a cultura de miséria mas para



Fotos Alípio Casali

recuperar uma tradição, integrando o Índio ao bem-estar, escolas, alfabetização, clínicas, melhores condições técnicas de trabalho.

No momento, temos 2 tarefas fundamentais: a alfabetização para que o povo tenha consciência de sua história, defenda seu processo. A outra tarefa é elevar a produção nacional, utilizando o máximo dos recursos existentes no país para que os frutos possam chegar a todos.

A nossa única ameaça é o imperialismo, que perdeu na Nicarágua seu fornecedor de matéria-prima barata (cereais, carne, mariscos, ouro) e que tem em nosso país — se a Revolução se consolida — um sinal para todos os oprimidos do 3º Mundo.

Nicarágua não volverá a outra ditadura, porque precisariam apagar o país do mapa, exterminar até o último menino e, se este escapasse, ficaria um germe de Libertação. Estamos conscientes da expectativa acerca de nosotros: a América Latina olha-nos com microscópio, em todos os detalhes porque sabe que aqui está sua esperança. A Revolução da Nicarágua não é apenas de um país mas de toda a Latino América. Não nos deixem só porque de nossa solidariedade é que se realizará a Libertação na Latino América.

O intelectual tem que trair sua classe (Pedro Casaldáliga)

PORANDUBAS: Como encaras a Libertação?

Pedro: Está cada vez mais atual, com mais força para comprometer a todos os que são contra a dominação e a exploração. Ninguém vibrará com a libertação nem se comprometerá com ela se não condena a exploração.

Para isto é preciso sair dos livros, talvez da universidade, talvez dos templos, da família, dos parlamentos, talvez da sociedade burguesa, "feliz", em que estamos. É preciso mergulhar na história concreta e real do povo do Brasil, da América Latina, do 3º Mundo e dos grandes bolsões de miséria do mundo desenvolvido. A Libertação não é tema teórico mas um desafio, uma luta, uma esperança.

PORANDUBAS: *Quais são os sinais de esperança no horizonte?*
Pedro: Primeiro, que se fale e se ataque tanto a Libertação. Mas, principalmente, que o povo e os povos (raças, culturas, setores oprimidos como a mulher) estejam reagindo, tomando consciência, com gestos concretos. Os movimentos populares podem começar num bairro e acabar numa frente sandinista, em sindicatos ou nos partidos possíveis. Cada setor de povo, conservando sua identidade e aderindo à corrente comum, terá uma luta dupla: há uma luta global, mais classista, contra a dominação e a exploração globais e há também lutas específicas a nível cultural, contra a discriminação de sexo, raça, feita a nível conjuntural, em um país ou região. Há uma consciência nova de que é urgente a luta geral mas é preciso não perder as lutas específicas: são muitos córegos para formar um só rio.

Acima falei de "sair de". Quer dizer, que ninguém que não seja povo ajudará o povo em sua luta se não optar verdadeiramente por ele, "saindo" na medida do possível de sua própria classe, *traído-a* no melhor sentido. Assim haverá uma aliança legítima entre o povo e os intelectuais, profissionais que não são povo. A isto se chama mudar de lugar. Nosso lugar condiciona a visão da gente, nossa opção e trabalho. A Igreja, inteira, tem que mudar de lugar pois nunca deveria ter estado no lugar dos opressores porque Cristo veio pobre e libertador. A parte da Igreja que continua com os ricos (e todo rico é opressor, porque acumula tirando de outros) é uma anti-Igreja porque é anti-povo e anti-Cristo.

Essa exigência escandaliza a sociedade burguesa e a Igreja sua cúmplice. O Evangelho do Cristo crucificado e ressuscitado também escandaliza tudo o que é Império Romano ou Sinagoga. O povo é sempre o espaço histórico real onde são julgadas nossas opções humanitárias e evangélicas: é frente ao povo que se tem que contrastar e não nos livros.



Uma referência concreta que escandaliza também é Nicarágua. Os estudantes cristãos que se incorporaram à paróquia do Pe. Uriel Molina e entraram na FNL, "traíram" sua classe e família e tornaram evangélicamente legítimas as alianças do povo da Nicarágua na conjuntura daquele país.

A força ideológica está no povo (Leonardo Boff)

PORANDUBAS: *Como é, a Teologia da Libertação saiu de moda?*
Boff: A Teologia da Libertação tem grande dignidade e compromisso explícito com as classes subalternas, é sua esperança e sua paixão. O pensamento é elitista, é um poder associado: a Teologia da Libertação existe em função dos que não têm poder de falar. Sua dignidade objetiva é independente dos teólogos, gozando de oficialidade, uma vez que foi assumida pelo Episcopado Latino-Americano, por Paulo VI na encíclica "Evangelio Nun tiandi" e apoiada por João Paulo II a 21 de fevereiro de 79, quando dizia que a Teologia da Libertação

tem que ser uma teologia de toda a Igreja e deve ser catequética e pastoral.

Para o povo, a Teologia da Libertação ilumina a prática das bases, sua fé, seu compromisso, sua visão de Direitos Humanos. Ela não foi feita para teólogos mas por teólogos em função dessas práticas.

PORANDUBAS: *Qual é a situação da Libertação no Brasil?*

Boff: Nosso país é altamente sofisticado, diferente da Nicarágua que tem 2 milhões de habitantes em atividade predominantemente agrícola. O Brasil é fortemente assimilado ao Capitalismo, com a presença das multinacionais e com especialização política, ideológica. Vemos aqui que os setores mais vivos da sociedade já fizeram a opção por uma sociedade alternativa. Cada vez mais o povo está elaborando sua consciência e organização a nível nacional: daí a necessidade de os novos partidos colocarem as palavras "Social", "Popular", em suas denominações porque sabem que a força ideológica está no povo, independente da questão de estarem ou não comprometidos com o povo.



Dussel, Paulo Freire, Jorge Cláudio

PORANDUBAS: *A teu ver, qual a essência do Cristianismo?*

Dussel: Já se insistiu com razão que a essência do Cristianismo é a fé. O teólogo Bultmann valorizava também a fé, dando à Religião um sentido mítico ou simbólico. Penso que o Cristianismo tem uma essência mais radical: a ação; uma práxis que inclua o nível mais material da essência humana, que é o trabalho e seus produtos. O Cristianismo é uma fé que se realiza a nível do serviço ao pobre; o mesmo Cristo não só encarnado mas escravo, que assumiu a condição da classe oprimida.

O serviço ao oprimido tem um sentido religioso, é um serviço a Deus. A práxis, ou serviço de libertação no hebreu tinha a palavra "haboda", ou trabalho e significava também serviço oculto a Deus. O Deus de Israel, não por oportunismo, considera que o culto e o sacrifício é serviço ao pobre. Aí existe uma justiça transcendental: Deus deu o universo e a vida gratuitamente ao homem, o qual devolve gratuitamente a Deus, como culto, a revolução histórica do serviço na libertação do oprimido que não pode alcançar, através da lei, a posse do produto de seu trabalho.

PORANDUBAS: *O que entende por "Religião supra-estrutura"?*

Dussel: *O pensamento marxista situou o problema religioso a nível ideológico (como Bultmann e nível da fé). Eles têm razão no caso das religiões de dominação. Elas são ideologias de justificação: a religião faraônica, romana, do "Sacro" Império, dos Reis "Católicos", de Pinochet, Videla, etc. Neste caso, a crítica à religião fetichista é o começo de toda crítica. Por sua vez, a religião Cristã se situa a nível infra-estrutural, econômico e político. Há processos históricos de libertação: a religião dos escravos do Egito mobilizou-os e se colocou sob as estruturas econômicas e políticas do Israel libertado na Palestina, onde "mana leite e mel" (esta expressão termina o hino sandinista). O nível infra-estrutural não foi descoberto pelo marxismo nem pelos cristãos que tomam o Cristianismo como um momento da cultura ocidental e o comprometem com a dominação capitalista.*

PORANDUBAS: *Falaste em ateísmo cristão. O que é isso?*

Dussel: O pecado original é aquele pelo qual o homem quer se tornar Deus: é o que Adão pretende ao comer do fruto da árvore da vida do Sistema. Todos os sistemas históricos chegam a ser sistemas de transformação: para dominar, precisam apelar para os deuses, até para Cristo (como a imperialismo americano cujo presidente é um cristão de Bíblia em punho: a Bíblia chama de fetichismo ou idolatria a esta totalização divinizante do Sistema apressor. Hoje vivemos o fetichismo do dinheiro e ao deus Capital se imolam todos os oprimidos do mundo. Ser ateu de tal fetiche, ser antifetichista de tal deus, é poder ser cristão.

Assim, afirmo o ateísmo, como os profetas que destruíram os falsos deuses, como Jesus de Nazaré que negava a divindade do Império Romano. Há dois tipos de ateísmo: o primeiro é prático, dos que negam a Deus de Israel, do Cristianismo, dos pobres porque por suas ações adoram ao deus Capital. O segundo, é um antifetichismo que descobriu o Deus dos cristãos identificado com o Capital: assim, ao se declarar ateu do deus Capital, crê ser ateu do Deus dos cristãos. Na realidade é ateu de uma falsa imagem do Deus dos cristãos. Claro que não é suficiente ser ateu, mas ao afirmar que o Deus dos oprimidos nunca se identificou com nenhum Sistema, se tem um ponto de apoio positivo e crítico. Ser ateu do fetiche é ser crítico, mas afirmar a existência de um Deus que guarda exterioridade de todo o sistema de opressão é muito mais crítico. Cristo foi muito mais crítico que os pós-hegelianos de esquerda. Hoje este é o tema central de discussão na Nicarágua: as Revoluções estão buscando uma teoria positiva da Religião.

Bispos e padres são criados de Papa Doc (William Smarth)

PORANDUBAS: *Como é essa Concordata no Haiti?*

William: Em geral as Concordatas são expressão de situações de Crisandade. Se em alguns casos correspondeu a preocupações históricas para que se dessem condições para a evangelização, de fato fortaleceram a Igreja-Instituição ou então deram ao Estado opressor os meios de realizar sua opressão. No caso do Haiti, a Concordata entre a Santa Sé e o Governo vale desde 1860 e se mostrou um instrumento de dominação contra o povo. Através dela o Governo tem o direito de nomear Bispos e o Vigário-Geral. Além disso, os párocos precisam do aval do Governo, ser do seu agrado. Em contrapartida, a Igreja Católica, por ser "a religião da maioria dos haitianos", recebe uma proteção especial. Assim, os bispos têm direito a honras especiais como saudações militares, recebem salário mensal do Governo, o mesmo acontecendo com os sacerdotes, embora em menor quantia (30 dólares por mês). Desta forma o clero torna-se empregado do Estado. São feitas orações pelo Presidente todo domingo e se deve cantar o "Te Deum" nas igrejas em todas as festas nacionais, diante dos agentes do Governo.

PORANDUBAS: *Quais foram as consequências da Concordata?*

William: Através da história do Haiti, os Governos usaram dela para confirmar seu poder político, chegando a evitar a formação de um clero nativo que lhes poderia trazer complicações. Para o Vaticano, foi uma forma de assegurar a dominação cultural e religiosa do clero



francês, americano, canadense sobre o povo haitiano. Ao subir ao poder em 1957, François Duvalier se serviu de seus direitos concordatários para seus fins ditatoriais. Expulsou Bispos e sacerdotes estrangeiros. Em 1961 expulsou o único Bispo haitiano e em 1965 das 5 dioceses existentes, 3 não tinham bispos. A renovação do Concílio levou a muitas discussões mas o Vaticano acabou por aceitar os 5 nomes escolhidos por Duvalier e que eram "seus Bispos", seus amigos pessoais, dos quais "sua revolução jamais teria que se envergonhar". De fato, a Igreja nunca condenou os crimes da ditadura dos Duvalier. Mais, os Bispos apoiam a repressão contra sacerdotes que querem criar um espaço de liberdade para a evangelização dos pobres.



Sem o índio não haverá revolução (Juana Vasquez)

PORANDUBAS: *Como estão os intelectuais na Guatemala?*

Juanita: Eles partem de teorias, que não estão de acordo com a realidade, usam palavras elevadas, desdafiavam-se entre si. A base fica de fora, porque usa palavras mais simples. Os intelectuais contribuem quando ajudam a base a fazer perguntas. A Teologia da Libertação tem ajudado a população a tomar consciência de sua opressão, mas ainda tem uma parte fraca que é não ter entendido ainda os valores indígenas: estes são vistos apenas enquanto classes pobres. C Índio é o primeiro dono das terras, tem o direito de ver seu ser indígena valorizado. A fé autóctone é simples, sua vida é cheia de Deus, no campo, no trabalho. Há um profundo respeito à terra, que não é conquistada para encher a pança: a terra é algo mais, é a Mãe que nos dá de comer. Há uma profunda comunhão com a natureza. O Índio tem uma Festa cultural que é uma espécie de sacramento paralelo, semelhante aos da Igreja. Nossa população da Guatemala é composta por 65% de Índios.

PORANDUBAS: *Como o Índio se integra na Libertação?*

Juanita: Os movimentos revolucionários pequenos não levaram em conta o Índio. Este, contudo, tem consciência de seu ser Índio, de ser vítima da opressão e da ameaça à sua identidade. Os grupos clandestinos viram que sem o Índio não há Revolução. Mas nos perguntamos até que ponto o Índio é carne de canhão ou é considerado mesmo como pessoa. Há muitos Índios em guerrilhas e engajados nos grupos populares. Na pastoral damos liberdade a que escolham a forma de luta.

A Revolução da Nicarágua influenciou muito em nosso país: é como se fosse nossa Revolução. Nas nossas casas estava escrito: "ABAIXO SOMOZA". Dizíamos entre nós: "Se Nicarágua puede, también lo podemos". É claro que a Guatemala é diferente, porque são muitos ricos aqui, tem a United Fruit que explora a banana, ao passo que na Nicarágua era um ditador só. Nossa luta será mais forte e se os EUA intervêm, não sabemos como fazer... Nicarágua abriu os olhos dos EUA.

Há pouca presença da Igreja na vanguarda da luta: há mártires mas a Igreja ainda não está unida. Temos 2 Partidos: o Partido Democrata Social, a Frente Unida Revolucionária cujo líder mataram há um mês. Os Sindicatos se unem numa frente única e todos os grupos formam a Frente Democrática Contra a Repressão.



SAUDADE

APARECIDO DE NARDI, 24 anos, funcionário da Papelaria-PUC, faleceu dia 25 de dezembro, após 4 dias em estado de coma. Fora acidentado quando dirigia sua moto. Seus colegas, que lhe conheciam a disponibilidade, a simplicidade, lamentam a perda do amigo. Aparecido, não nos esquecemos de você.

ANIVERSÁRIO DE FALECIMENTO: 23/1, DAGOMAR DOMINGOS DAL NERO, professor e diretor da APROPUC; **3/3 JACOB HACKLAUER**, funcionário da Faculdade de Economia.

CURTINHAS

1 - **GAL COSTA!** Estará no TUCA de 9/4 a 1/6. Podem se preparar compradores, filantes, cambistas e fãozocos. A seguir, de 5/6 até 6/7 teremos show de Toquinho, Maria Creuza e Francis Hime.

2 - Dia 7/3 houve missa em homenagem aos ex-alunos, turma de Direito de 1958. Promoção da UNIPUC, a Associação de Ex-Alunos.

3 - Vale a pena dar um pulinho na Escola TIC-TAC, agora que o ano ainda começa. É na rua Ministro Godoy, ao lado da PUC. Qualidade é coisa rara.

4 - **MULHER:** a Profª Josildeth Consorte e Oscar Egydio nomeados para coordenar o projeto de pesquisa: "Impacto da Modernização sobre a Comunidade Rural - Estudo e Participação da Mulher em Programas de Saúde e Bem-Estar".

5 - **CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA:** Conselho Indigenista Missionário e Univ. Fed. do Rio Grande do Norte.

6 - Grupos de Sensibilização através de experimentos de orientação gestáltica e reichiana sob orientação das psicólogas Ângela Santa Cruz e Sarah Alves. Duração de 3 meses. Tel.: 262-7948.

7 - **GRANA (I):** Ano passado, a PUC solicitou ao MEC Cr\$ 30 milhões em verbas. Chegaram Cr\$ 7 (sete) milhões. Para cobrir a folha de dezembro e 13º salário foram emprestados em bancos Cr\$ 34 milhões. Só o serviço da dívida

ficou em Cr\$ 2 (dois) milhões. Pobre é fogo...

8-GRANA (II): A Un. Fed. São Carlos está contratando novos docentes em áreas ligadas à Ciências da Computação, Engenharia, Química, Estatística, Biologia, Enfermagem, Pedagogia. Informações fones: 5981 a 5985 e 4951 a 4953.

9-NOVO TUCA: Em fase final entendimentos entre a Secretaria da Cultura do Estado e a PUC acerca da reforma do Tuca e Tuquinha o qual será transformado em teatro de arena. A reforma deverá estar pronta em novembro.

32 CURSOS DE EXTENSÃO!

O Setor de Cursos de Extensão oferece este semestre 32 cursos. Se v. se interessar, procure-os nos ramais 304 a 306 ou no saguão de entrada do Prédio Velho. São eles sobre: A Língua Portuguesa na Escola de 1º e 2º graus/ Taquigrafia Comercial em Inglês/ Inglês Oral/Dinâmica Cultural e Ideologia/ Formação Colonial e a Constituição da burguesia no Brasil/Dinâmica de Grupo numa linha humanista/ Direito Processual Penal/ Dificuldades Escolares/ Psicologia Organizacional/ O Urbano, o Estado e Participação Popular/ Didática de Literatura para o 1º e 2º graus/ Ética da Ciência/As Funções do Serviço Social/ Direito do Trabalho/ Redação e Leitura em Português/ Inglês: Leitura de Textos Especializados para Psicólogos e Educadores/Inglês: Leit. Text. Especializ.p/Assistentes Sociais/Alemão: níveis I, II e IV/Italiano: níveis I e II/As condições do Menor Marginalizado em SP/Fundamentação e Prática de Organizações Populares/Diagnóstico Social de Comunidade/Atualidade de Brecht para América Latina/ Métodos e Técnicas do Yoga/Educação e Processo de Marginalização Social/Psicoterapia de Adolescentes e Adultos/Especialização para Professores de 3º Grau/ Fundamentos de Análise Existencial/Treino de Desenvolvimento de Pessoal/Leitura Crítico-Ideológica de Textos Didáticos e de Histórias Infantis/Linguística Aplicada ao Ensino de Leitura/Teoria da Comunicação: Criatividade no discurso escolar.

Teses (sala 333)

1 - "O efeito do sexo e da posição temporal da revisão na retenção substantiva do material revisado" — José Augusto Pontes Neto. Dia 21/3

2 - "A percepção que o diretor tem de si mesmo como agente de mudança" — Diva F. Ferro. Dia 14/3.

3 - "Um estudo teórico do conceito compreensão empática nas obras de Carl R. Rogers". Ana M. Q. Brant de Carvalho. Dia 17/3.

4 - "Diagnóstico e avaliação da função de orientador educacional nas escolas paulistanas". Osny Galvão. Dia 13/3.



TROPICALIA

Fim de 79, Pátio da Cruz no Prédio Velho. Por 2 vezes a PUC presenciou uma "aula" diferente. Dezesesseis alunos e alunas da turma 30 do Básico, vibrantes, soltos e com muita garra apresentavam seu trabalho para Psicologia sobre o tema "Tropicália". Não se preocuparam em "fazer teatro" mas o resultado foi um espetáculo muito bonito, que contou com ajuda e incentivo de muita gente: "A PUC é tão fria, mas agora ficou legal", disse uma servente

CARTAS

Sr. Editor: Para a edição de novembro do PORANDUBAS, dois diretores da APROPUC foram convidados a colaborar com artigos assinados. O pronto atendimento ao convite não correspondeu ao cuidado que os responsáveis pelo jornal deveriam ter tido com a publicação dos textos. Em ambos ("Contra o pacote, pela democracia", assinado pelo presidente da APROPUC e "A escola não parou", escrito pelo 2º secretário) há uma série de mutilações e enxertos, praticamente um a cada frase, que os descaracterizam totalmente. O problema da falta de espaço poderia ser alegado, ainda assim com ressalvas por serem textos assinados, se tivesse ocorrido a supressão de uma ou outra frase. No caso, criaram-se novos textos sem nenhuma consulta aos seus autores. Diante disso, solicitamos que os leitores do PORANDUBAS, sejam informados que não consideramos trabalhos nossos, as matérias que aparecem com nossas assinaturas na última edição do PORANDUBAS". ass. Laurindo Leal Fº e Pedro Paulo T. Manus. SP,26/11/79.

PRÓXIMO NÚMERO
Sairá dia 16 de Abril.
Conheça a URPLAN
HUMOR-CONTOS
Texto da Comissão de Revisão dos Estatutos
Quem é Elsa Lobo?

ao grupo. O "camarim" era a sala de esquentar marmita e as roupas foram emprestadas pelo Teatro Célia Helena. As músicas apresentadas e analisadas (a partir do estudo de Faretto) partiam da Primeira Missa, passaram por "Bamacumba", que dessacraliza as imagens do Brasil. A reação dos colegas do público foi emocionada e entusiasmante. Tanto assim, que os colegas resolveram continuar juntos para apresentar-se em teatro. Irão apresentar-se na PUC em março e na Letras-USP.

"3 MARGEM DO RIO"

Este espaço para exposição situado na Biblioteca Central receberá dia 13/3 a pintora MARA, que fez a capa da edição de Outubro do PORANDUBAS. Seu tema predileto é MENOR ABANDONADO e estará desenhando na hora para quem quiser. Fica até dia 20/2.

PORANDUBAS

R. Mont' Alegre, 984
tel: 263-0211 r. 227

Editor: Jorge Claudio Ribeiro
Secretário: Roberto Barreiro Fº
Diagramador: Argeu Godoy
Composição: O Estado de S.Paulo
Impressão: Editora AFA
Tiragem: 11 mil exemplares

ORAÇÃO AO DIVINO ESPÍRITO SANTO

Esprito Santo, Você que me esclarece tudo, que ilumina todos os caminhos para que eu atinja o meu ideal. Você que me dá o dom divino de perdoar e esquecer o mal que me fazem e que todos os instantes de minha vida está comigo, eu quero, neste curto diálogo agradecer-lhe por tudo e confirmar mais uma vez que eu nunca quero me separar de você por maior que seja a ilusão material, não será o inimigo da verdade, que sinto de um dia estar com Você e todos os meus irmãos na glória perpétua. Obrigada mais uma vez.
(A) pessoa deve fazer esta oração 3 dias seguidos sem fazer pedido, dentro de 3 dias será alcançada a graça por mais difícil que seja).
Publicar assim que receber a graça. E.V.M. E.J.M.

RECOMENDAMOS

Dr. JOÃO CORIOLANO REGO BARROS

Pediatra
Consultório: Av. Paulista 1159,
13º and. conj. 1310
tel.: 285-5828

DR. SOUBHI KAHHALE

Obstetrícia e Ginecologia

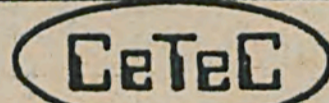
NOVO ENDEREÇO

R. Cardoso de Almeida, 788/Conj.
122 - (12º andar) - Fone: 864-1196



LIVRARIA MANDURI

Livros de Artes, Ciências Humanas,
Pockets, Posters. Pedidos pelo telefone
256-9610. Rua da Consolação nº
323, loja 1



CENTRO TÉCNICO DE CÓPIAS

Tel.: 262-8870
Matriz: Rua Bartira, 409

Lanchonete 1010: 'Cantinho do Maranhão'

**música ambiente
comida caseira
batidas**

Venha conhecer

R. MINISTRO GODOY, 1.010

LIVRARIA E EDITORA AUTORES ASSOCIADOS LTDA

Um Grupo de Professores que se reúnem para formar uma Editora com o objetivo de publicar autores nacionais

Os livros são os seguintes:

INOVAÇÃO EDUCACIONAL NO BRASIL
Coordenação — Walter Esteves Garcia
NÚMERO 5 DA REVISTA EDUCAÇÃO E SOCIEDADE

PODER POLÍTICO E EDUCAÇÃO DE ELEITE: Maria Elisabeth Sampaio Prado Xavier

EDUCAÇÃO E PODER: Moacir Gadoti
EDUCAÇÃO DO SENSO COMUM — A CONSCIÊNCIA FILOSÓFICA
Dermeval Saviani

Todos estes livros em coedição com CORTEZ EDITORA.